

Em ritmo de férias

*Foram todos para a praia:
os suspeitos, os homens da Justiça
e o próprio governador*

Na manhã de sexta-feira da semana passada, o secretário de Imprensa do Palácio Piratini, Salomão Kirjner, telefonou para Luís Cláudio Cunha, chefe da sucursal de VEJA, em Porto Alegre, para avisá-lo que o governador Synval Guazzelli cancelara a audiência que lhe prometera na tarde do mesmo dia — e durante a qual Cunha pretendia indagar sobre os intrincados caminhos que tomam as investigações a respeito do seqüestro dos uruguaios Lilian Celiberti Rosas de Casariego, seus filhos Camilo e Francesca, e Universindo Rodríguez Díaz, ocorrido na tarde do último dia 17 de novembro, na capital gaúcha. “O que houve?”, perguntou o jornalista. “O governador foi para a praia”, informou o assessor.

Decepcionados, igualmente, ficaram os jornalistas que procuraram o investigador do DOPS gaúcho Janito Jorge dos Santos Keppler, de 24 anos, apontado durante a semana como o possível terceiro homem que participou do seqüestro. “Onde está ele?”, perguntaram os jornalistas. “Pedi férias e foi para a praia, em Camboriú, Santa Catarina”, responderam seus familiares. Nas

praias gaúchas gozam também de férias há alguns dias o investigador Orandir Portassi Lucas, o “Didi Pedalada” (em Capão da Canoa), reconhecido por Cunha e pelo fotógrafo J. B. Scalco como um dos seqüestradores, e o delegado Pedro Seelig (em Cidreira), acusado de planejar a operação.

Não seriam eles, porém, os únicos a aproveitar o verão gaúcho para sair de Porto Alegre. De férias, também, estão a procuradora geral da República no Rio Grande do Sul, Luísa Cassales, que recebera a sindicância da Secretaria da Segurança Pública e o inquérito da Polícia Federal sobre o caso; o juiz da 3.ª Vara Federal, João César Leitão Krieger, e o procurador adjunto Jorge Anselmo Barrios, que devem examinar o inquérito e encaminhá-lo da forma mais conveniente.

Finalmente, procurado por jornalistas para falar sobre a representação que lhe enviara a Ordem dos Advogados do Brasil, pedindo uma ação penal para que seja investigado o seqüestro, o procurador geral da Justiça do Estado, Antônio Ricardo de Medeiros, não foi encontrado. “Ele está numa praia do lito-

do dia 17 de novembro, quando foi visto pelos jornalistas Luís Cláudio Cunha e J. B. Scalco mantendo Lilian Celiberti presa em seu apartamento de Porto Alegre? Diz a Secretaria da Segurança que ele estava trabalhando na Escola de Polícia, mas até agora não se apresentou qualquer prova consubstanciada disso. Ao contrário: a única informação que se tem a esse respeito vem do próprio diretor da escola, que negou aos jornalistas que Didi trabalhasse lá.

2 O que o delegado Pedro Seelig, do DOPS, foi fazer em São Paulo no dia 21 de novembro? A polícia disse apenas que o delegado viajou em “missão oficial”. Mas nesse mesmo dia ocorreu um incidente no aeroporto de Porto Alegre: uruguaios armados preten-



COOJORNAL

Kepler: comentários no Partenon

ral gaúcho”, informou secamente sua empregada.

PSICOGRAFIAS — Assim, com a temporada de recreio das autoridades, restou em Porto Alegre apenas a figura tranqüila e sorridente do advogado Renato Maciel de Sá Júnior, cercado na tarde de quinta-feira passada no aeroporto Salgado Filho — e que, felizmente, não estava indo, mas voltando das férias. Sá Júnior, na verdade, transformara-se no pivô involuntário do último escândalo provocado pelo caso.

Quando o governador Synval Guazzelli, há pouco mais de um mês, determinou a abertura de um processo administrativo e recomendou o afastamento

Em três meses a polícia só deixou dúvidas

Quase noventa dias já se passaram após os desaparecimentos, em Porto Alegre, dos quatro exilados uruguaios. Estão prontos — e entregues à Justiça — o inquérito da Polícia Federal e a sindicância da Secretaria da Segurança. No entanto, em lugar de diminuir, crescem as dúvidas sobre o caso — e toda uma série de questões continua sem explicação por parte dos encarregados de elucidar o seqüestro. Entre elas, destacam-se pelo menos as seguintes:

1 Onde estava, afinal, o policial Orandir Portassi Lucas, o “Didi Pedalada”, na tarde

diam embarcar para São Paulo e, barrados no controle, conseguiram passar com interferência de Seelig. Por que não se apurou quem eram esses uruguaios e qual sua ligação com Seelig?

3 Por que a sindicância foi presidida pelo diretor do DOPS, Marco Aurélio Reis, se seu objetivo era, justamente, apurar a possível participação do próprio DOPS no seqüestro?

4 Como chegou às mãos da Polícia Federal a foto de Universindo Rodríguez Díaz — que a distribuiu à imprensa — se ele nunca estivera preso no Brasil e logo após a denúncia do seqüestro pelo jornalista Luís Cláudio Cunha as autoridades policiais informaram “nada saber” sobre a existência dos quatro exilados?



FOTOS RICARDO CHAVES

Sá Júnior: "Eu não sei de nada"

de Lucas e Seelig da polícia, o Secretário da Segurança resolveu ouvir o Conselho Superior de Polícia antes de tomar tal decisão. Logo, este informou ao secretário que resolvera indicar Sá Júnior, ex-delegado do DOPS, para relator do processo, cujo parecer deveria ser entregue em uma semana. Sete dias depois, contudo, voltou a informar a Secretaria da Segurança que Sá Júnior enviara um pedido por escrito de novas sindicâncias para que pudesse opinar com segurança a respeito do processo administrativo e do afastamento dos policiais. Seu relatório final, assim, e sempre segundo esclarecimento oficial

da Secretaria, deveria ser apresentado nesta quarta-feira, dia 14.

No aeroporto, porém, Sá Júnior repetiu o que havia dito em São Paulo a VEJA e a uma rádio gaúcha, por telefone: que nunca fora nomeado relator do processo, que jamais escrevera qualquer relatório pedindo novas sindicâncias e que só tomara conhecimento do assunto pelo noticiário. E mais, que se afastara de Porto Alegre para visitar algumas sucursais de uma empresa seguradora para a qual trabalha, aproveitando as férias forenses, no dia 30 de dezembro — justamente um dia antes de Sílvio Alfonsin, relações-públicas da Secretaria da Segurança, ter afirmado que ele recebera o processo.

"ELA É FORTE" — "Alguém está mentindo", protestou o líder do MDB na Assembléia gaúcha, deputado César Schirmer. "Aqui não há contradições", protestou, irritado com os jornalistas que lhe pediam explicações sobre o caso de Sá Júnior, o secretário da Segurança, coronel Rubem Moura Jardim. "Aqui se respeita a lei. As negativas do advogado são para despistar a imprensa." E nada mais revelou.

E o novo suspeito do seqüestro, investigador Janito Keppler? Segundo informações de alguns policiais, ele seria o irmão da cliente do advogado João Antônio Castro — que há várias semanas admitira sua participação no seqüestro, como reconheceu o próprio Castro, que se recusou, contudo, a identificar o policial.

É certo, pelo menos, que ele foi um

dos seis homens apresentados na Polícia Federal pelo delegado Edgar Fuques a Luís Cláudio Cunha, na segunda-feira, para ver se o jornalista reconhecia em algum deles outro dos seqüestradores — o que não aconteceu.

No Partenon Tênis Clube, onde Keppler ensaia o bloco carnavalesco "Alegríssimo", apurou-se que o investigador comentou com amigos a presença de Lilian Celiberti em sessões de afogamento no DOPS. "Ela é uma mulher muito forte", teria dito ele. "Resistiu até ao afogamento."

Diante de tantas contradições, torna-se mais compreensível o desabafo de Fuques para Luís Cláudio Cunha, logo após a confrontação com os seis policiais. "É, eu tentei, fiz o possível", disse ele. "Mas vai ser difícil provar alguma coisa. Talvez a explicação completa só se tenha no dia em que Lilian e Univer-sindo falarem. O problema não é mais técnico, é político." ●



Didi: onde estava no dia 17?

não sabendo sequer que tinha sido nomeado relator por seus companheiros de Conselho?

10 Por que o policial Janito Keppler foi confrontado com as testemunhas do seqüestro? Por que foi interrogado? Se é um suspeito descoberto pela própria polícia, por que recebeu férias e viajou para a praia?

5 Por que, até agora, não foi mostrado às duas testemunhas do seqüestro o arquivo fotográfico completo dos funcionários da polícia gaúcha, para que elas possam identificar ou não algum deles como um dos homens armados que estavam no apartamento de Lilian Celiberti?

6 Se houve pelo menos constrangimento ilegal dos dois jornalistas, por que foi aberta uma sindicância e não um inquérito policial, como é de praxe?

7 Das três testemunhas encontradas na cidade de Bagé, que teriam garantido a passagem pacífica e voluntária dos quatro uruguaios em direção a seu país, duas pelo menos desmentiram a Polícia Federal. E se o delegado Edgar Fuques já tinha conhecimen-

to delas desde dezembro, por que levou um mês para divulgar sua existência?

8 Se o inquérito era sigiloso, e nisso se baseou Fuques para negar qualquer tipo de informação à imprensa, por que o mesmo Fuques aconselhou às suas testemunhas de Bagé que prestassem toda e qualquer informação aos jornalistas, se procurados?

9 Por que, até agora, a Secretaria da Segurança não explicou a contradição existente entre suas declarações de que o caso dos policiais suspeitos fora entregue ao advogado Renato Maciel de Sá Júnior, do Conselho Superior de Polícia — e as afirmações do próprio advogado, que disse estar de férias e negou ter recebido qualquer comunicação a respeito do assunto,